

Tradução

ARENDT, Hannah. Die Enthüllung der Person im Handeln und Sprechen (O desvelamento da pessoa no agir e no falar). In: ARENDT, Hannah. Vita activa oder vom tätigen leben. Stuttgart: Piper/Kohlhammer Verlag, 1960, p. 164-171.

Vanessa Sievers de Almeida¹ e Priscilla Maria Pessutti Nascimento²

(Tradutoras)

Nota das tradutoras

Apresentamos aqui a tradução de uma seção do livro *Vita activa oder Vom tätigen Leben* de Hannah Arendt, a versão alemã de *The human condition* (A condição humana). Trata-se da seção 24, com título “Die Enthüllung der Person im Handeln und Sprechen” (O desvelamento da pessoa no agir e no falar), que corresponde ao título “The Disclosure of the Agent in Speech and Action” (A revelação do agente no discurso e na ação). A tradução não tem o objetivo de tornar o texto conhecido para o público brasileiro, pois já dispomos de uma boa tradução de *The human condition* (A condição humana), revisada por Adriano Correia em 2010. Esta pequena tradução tem muito mais o intuito de compartilhar uma amostra do texto em alemão para evidenciar algumas diferenças entre *The human condition* e *Vita activa*, isto é, as versões inglesa e alemã da mesma obra.

¹ Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia desde 2011. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação/USP (2003), graduação em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (1995) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2009). Integra o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA e foi editora da Revista *entreideias: educação cultura e sociedade*. Coordena o TEIAS - Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Humanidades. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0114320385500004>. E-mail: vanessa.sievers.a@gmail.com.

² Possui graduação em Letras Alemão/Português pela Universidade de São Paulo (2001) e graduação em Letras - Tradução (Inglês/Francês) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2003). Tem Licenciatura em Alemão e Português pela Universidade de São Paulo (2004) e Licenciatura em Inglês, Francês e Português (2004) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem Mestrado em Língua Alemã pela Universidade de São Paulo (2007). Atualmente é professora de alemão no Goethe-Institut São Paulo, onde trabalha também com formação e aperfeiçoamento de professores e como Coordenadora de Projetos da Cooperação Pedagógica. É professora de idiomas há mais de 20 anos. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2173774452717111>. E-mail: priscilla_pessutti@yahoo.com.br.

O livro *The human condition*, escrito por Arendt em inglês, foi publicado em 1958. Desde os anos 1940, Arendt escrevia em inglês e em alemão. Contudo, sua forma de pensar e seu modo de dialogar com o público leitor parecem ser diferentes em cada língua. Em entrevista concedida à TV alemã em 1964, Arendt se refere a essa diferença: “Escrevo em inglês, mas nunca perdi a distância. Existe uma tremenda diferença entre a língua materna e uma outra língua” (Arendt, 2008, p. 42, tradução modificada).

Há uma história sobre as diferentes versões de quase todas suas grandes obras, sendo que, em muitos casos, o texto foi primeiramente publicado em inglês e revisado depois pela própria autora, que frequentemente o alterou para a versão alemã. O livro *Origens do totalitarismo* (*The origins of Totalitarianism*), por exemplo, foi traduzido e revisado pela própria Arendt, que modificou vários trechos, além de inserir acréscimos (Ludz, 2013). A obra *The human condition* recebeu uma primeira tradução por Charlotte Beradt (Ludz, 2013), que teve trechos reformulados e acréscimos feitos por Arendt, de modo que a versão alemã é aproximadamente 40% mais longa do que o texto inglês (Chacón, 2020).

Em especial, chama a atenção seu estilo de escrita na língua materna, com nuances e ênfases, com figuras de linguagem e citações de poetas, diretas ou ocultas, e, em vários momentos, com um tom de narrativa. Nesse sentido, Hahn (2005, p. 103, trad. nossa) afirma que “‘The Human Condition’ e ‘Vita Activa’ nomeiam dois livros com estilos evidentemente diferentes. Um mais sóbrio, o outro com toques poéticos”.

O livro em alemão é publicado em 1960 com um título diferente: *Vita activa oder Vom tätigen Leben* (Vita activa ou Da vida ativa). Também os títulos dos capítulos e de várias seções diferem do inglês. Nota-se que, em alemão, Arendt escreve sobre as atividades básicas usando preferencialmente verbos – *arbeiten*, *herstellen*, *handeln* (trabalhar, fabricar e agir) – ou verbos substantivados, como é o caso dos títulos do quarto e do quinto capítulo: “Das Herstellen” (O fabricar) e “Das Handeln” (O agir). Neste último, ela dará preferência à forma substantivada: “(das) Handeln” (o agir) em lugar de “action” (ação) e “(das) Sprechen” (o falar), em lugar de “speech” (discurso).

Na tradução abaixo, da seção 24, é possível conferir que Arendt realizou vários acréscimos. Às vezes é uma palavra, um adendo ou pequena frase; em outros pontos, há acréscimos de algumas frases, quando, por exemplo, a autora se detém em uma reflexão ou narra uma experiência.

Assim, algumas afirmações-chave são aprofundadas e ganham uma certa plasticidade ou até um tom dramático. Por exemplo, ao tratar da criação dos seres humanos como o início de algo totalmente novo, a partir de Agostinho, Arendt escreve em inglês: “it is not the beginning of something but of somebody, who is a beginner himself” (não é o início de algo, mas de alguém que é, ele próprio, um iniciador; Arendt, 1998, p. 177). Em língua alemã, Arendt se detém e põe ênfases: “aquilo que existia antes do ser humano não é *nada*, e sim *ninguém*; sua criação não é o início de algo que, uma vez criado, existe em sua essência (*Wesen*), se desenvolve, perdura ou também perece, mas é o iniciar de um ser que possui ele próprio a capacidade de iniciar: é o início do início ou do próprio iniciar”. Em seguida, em tom de narração, conta que, antes dos seres humanos, a criação era um ato exclusivamente divino. Deus, ao criar o mundo, iniciou algo novo e, assim, “o princípio do início [...] permaneceu, por assim dizer, na mão de Deus”. Porém, ao criar o ser humano, esse princípio aparece “no próprio mundo e permanecerá imanente a ele enquanto houver seres humanos”. Dessa forma, o texto em alemão se expande. É como se Arendt contasse uma pequena história sobre a origem da capacidade humana – e tão “divina”! – de iniciar algo novo.

Outro exemplo, em que o texto ganha uma certa dramaticidade, está no parágrafo em que Arendt afirma que a vida sem discurso e ação é morta para o mundo. Em a *Vita activa* o texto se desdobra, acrescentando uma narrativa, breve e misteriosa, sobre a morte e o morrer. Dessa forma, enquanto lemos na versão inglesa que “a life without speech and without action [...] is literally dead to the world” (uma vida sem discurso e sem ação [...] é literalmente morta para o mundo; Arendt, 1998, p. 176), o texto em alemão se detém no morrer: “uma vida sem qualquer falar e agir [...] literalmente não seria mais vida, mas um morrer que se estende ao longo de uma vida humana; não apareceria no mundo entre seres humanos, mas seria notada apenas como algo que está desaparecendo; não saberíamos mais dela do que nós, os vivos, sabemos daqueles que desaparecem na morte, a qual não conhecemos.”

Esse tom de narração aparece também no parágrafo em que Arendt explica que a qualidade reveladora da ação e do discurso dependem do *estar com os outros*, e que esse estar com os outros é distinto do *estar contra* ou *a favor*. Em ambos os textos temos o exemplo dos criminosos e dos santos que não se revelam. Contudo, em a *Vita activa* Arendt insere uma breve narrativa sobre essas figuras estranhas, que

não se mostram, mas se mantêm escondidas. Todos nós, conta Arendt, chegamos ao mundo como estranhos, mas os santos e os criminosos mantêm essa distância original. Não estão dispostos a renunciar à estranheza – os santos porque sacrificam a si mesmos, e os criminosos porque estão obcecados consigo mesmos –, mas o efeito é semelhante. Ambos são figuras estranhas e solitárias. Neste ponto, Arendt relaciona a estranheza ao abandono (*Verlassenheit*) ou à solidão, tema que havia abordado em sua palestra “Ideologia e terror” (publicada em 1953 pela primeira vez e depois incluída no livro *Origens do totalitarismo*), onde explica que a solidão é “a experiência básica” (Arendt, 2012, p. 526) do século XX. No parágrafo referido da *Vita activa*, ela relata que, quando estranheza e abandono tomam conta do mundo, este escurece, “perde a claridade radiante que provoca a glória”. Nessa meia luz, nesse lusco-fusco as pessoas não se revelam, isto é, não são vistas e não veem os outros. “Nesse crepúsculo, em que ninguém mais sabe quem alguém é, os seres humanos se sentem como estranhos, não somente no mundo, mas também entre si; na atmosfera da estranheza e do abandono (*Verlassenheit*), as figuras dos estranhos entre os seres humanos, os santos e o criminosos, encontram sua oportunidade.”

Além do estilo narrativo presente em vários trechos da seção 24 da *Vita activa*, destacam-se uma e outra figura de linguagem como “jogar areia nos olhos do inimigo” e “o palco do mundo”. Fica também mais evidente a inspiração de Arendt em Homero, especialmente no parágrafo em que aborda a relação entre agir e falar. No texto em alemão ela cita a *Ilíada*, explicando que “‘ambos, ser eloquente em palavras e vigoroso em atos’ andam juntos porque não haveria realmente um realizador de atos – *πρῆκτιῆρά τε ἔργων* –, se o pronunciador de palavras – *μύθων τε ῥητῆρ* [sic] – não o revelasse, ao mesmo tempo (*Ilíada*, IX, 445[sic])”. E a expressão “realizador de atos” é retomada no final da seção, quando o texto se refere à ação anônima ou “desprovida de um nome, de um ‘quem’ a ela associado” (action without a name, a “who” attached to it), como ela diz em *The human condition*. Em a *Vita activa* lemos que “o agir que permanece na anonimidade, um ato para o qual não podemos nomear um realizador é sem sentido”, e, em seguida, Arendt diz o que acontece com um ato sem sentido: ele “cai no esquecimento” porque “não há ninguém de quem se poderia contar uma estória³”. Se Homero narra sobre os realizadores de atos, o soldado que foi para a

³ Sobre a tradução de “Geschichte” por “estória” ver nota de rodapé 29.

Primeira Guerra Mundial cai no esquecimento; não temos “estórias” sobre ele. Assim, sua ação é sem sentido e sem dignidade, tendo ele sido transformado verdadeiramente em um *ninguém*.

Ainda há várias outras diferenças significativas que poderão ser observadas e analisadas na tradução abaixo. No texto traduzido destacamos em negrito os trechos que foram ou modificados, ou acrescentados à versão inglesa. É claro que não é possível marcar com exatidão as diferenças, já que se trata de textos em línguas diferentes; contudo, esperamos que a marcação facilite a comparação das duas versões. Considerando que já temos uma versão boa e legível da obra em português, buscamos traduzir o texto alemão do modo mais literal possível ou, ao menos, o mais próximo possível do original. Em alguns pontos, em que a tradução se mostrou especialmente difícil, mantivemos as palavras e expressões em alemão entre parênteses. Em outros momentos, inserimos notas de rodapé com uma explicação.

Esperamos, desse modo, contribuir para uma melhor compreensão da obra de Hannah Arendt, trazendo a tradução da versão que ela criou em sua língua materna a partir do texto original, articulando, assim, o seu modo de pensar em alemão com a sua escrita em língua inglesa.

24 O desvelamento da pessoa no agir e no falar

O fato da pluralidade humana, a condição fundamental do agir bem como do falar, se manifesta de duas maneiras, como igualdade (*Gleichheit*) e como distinção. Sem igualdade (*Gleichartigkeit*)⁴ não haveria comunicação entre os vivos, compreensão dos mortos e planejamento para um mundo que não mais será povoado por nós, mas ainda por nossos iguais. Sem distinção, o ser-diferente absoluto de cada pessoa em relação a qualquer outra que é, foi ou será, não necessitaria nem da língua (*Sprache*)⁵ nem do agir para uma comunicação; uma linguagem de sinais⁶ e de sons

⁴ N. T.: Traduzimos ambas as palavras – “*Gleichheit*” e “*Gleichartigkeit*” – por “igualdade”. Arendt as usa como sinônimos.

⁵ N. T.: “*Sprache*” (língua) em alemão tem o mesmo tronco do verbo “*sprechen*” (falar). Em outros momentos Arendt usa a forma substantivada do verbo: “*Sprechen*” (o falar), como no título “O desvelamento da pessoa no agir e no falar”.

⁶ N. T.: Optamos por traduzir “*Zeichensprache*” por “linguagem de sinais”. O alemão não distingue entre língua e linguagem. Por isso, temos “*Sprache*” (língua) e, em seguida, “*Zeichensprache*” (linguagem de sinais).

seria suficiente para indicar uns aos outros, em caso de necessidade (Notfall), as necessidades e carências que são iguais para todos e sempre permanecem idênticas.

Distinção e especificidade não são o mesmo. Especificidade ou alteridade, essa característica peculiar da ‘alteritas’, que é própria de tudo que é enquanto tal (die allem Seiendem als solchem eignet) e que, por isso, para a filosofia medieval, era considerada uma das características universais, caracteriza a pluralidade em geral e é a razão por que só podemos definir distinguindo, a razão por que cada definição implica uma negação, um “distinto de”; mas essa especificidade mais geral, que indica que nós experimentamos o que é (Seiendes) somente no plural, já se diferencia na variedade da vida orgânica, cujas formas mais primitivas exibem variações e distinções que ultrapassam a mera alteridade. Entre elas, por sua vez, é próprio somente do ser humano expressar ativamente essa distinção, diferenciar-se a si mesmo dos outros e eventualmente destacar-se perante eles, e assim, por fim, não somente comunicar algo ao mundo – fome e sede, afeição, aversão ou medo –, **mas em tudo isso comunicar também, sempre e ao mesmo tempo, a si próprio**. No ser humano a especificidade, que ele compartilha com tudo que é, e a distinção, que ele compartilha com tudo que vive, tornam-se unicidade, e a pluralidade (Pluralität) humana é uma pluralidade (Vielheit⁷) que tem a característica paradoxal de que cada um de seus membros é único a seu modo.

Falar e agir são as atividades nas quais essa unicidade se manifesta. Falando e agindo os seres humanos se distinguem ativamente uns dos outros, em lugar de apenas serem distintos; são os modos pelos quais a própria humanidade (Menschsein⁸) se revela. Esse aparecer (in-Erscheinung-treten) ativo de um ser fundamentalmente único se baseia – diferentemente do aparecimento do ser humano no mundo pelo nascimento – em uma iniciativa que ele próprio toma, **mas não no sentido de que isso requeira uma decisão específica**; nenhum ser humano pode se abster totalmente de falar e agir, e isso, por sua vez, não ocorre com nenhuma

⁷ N. T.: Traduzimos ambas as palavras – “Pluralität” e “Vielheit” – por “pluralidade”. Arendt as usa como sinônimos.

⁸ N. T.: Traduzimos “Menschsein” por “humanidade”. Uma tradução mais literal seria “ser (um) humano”. Arendt usa a palavra “humanidade” em diferentes acepções. Por exemplo, na sua palestra sobre Lessing, “Sobre a humanidade em tempos sombrios: reflexões sobre Lessing”, ela se refere à humanidade (Menschlichkeit) no sentido de uma relação fraterna e calorosa entre os párias e perseguidos, mas, no parágrafo acima, a autora se refere ao “Menschsein” e não à “Menschlichkeit”, ressaltando inclusive que a humanidade aqui não se refere a uma atitude fraternal.

outra atividade da *vita activa*. **Por mais que o trabalho seja característico do metabolismo humano com a natureza**, isso não significa que todo ser humano precise trabalhar; ele pode muito bem forçar outros a trabalhar para ele **sem que isso retire sua humanidade (Menschsein). E exatamente o mesmo vale para o fabricar (Herstellen)**⁹, na medida em que se pode muito bem usar e usufruir do mundo das coisas sem que se tenha fabricado e acrescentado à sua variada riqueza uma única coisa útil. A vida de um senhor de escravos, de um explorador ou de um parasita pode ser **moralmente questionável**, mas ainda é um modo especificamente humano de existir. Por outro lado, uma vida sem qualquer falar e agir – e isso seria realmente o único modo de vida que teria aberto mão da aparência e da vaidade do mundo no sentido bíblico da palavra – **literalmente não seria mais vida, mas um morrer que se estende ao longo de uma vida humana; não apareceria mais no mundo entre seres humanos, mas seria notada apenas como algo que está desaparecendo; não saberíamos mais dela do que nós, os vivos, sabemos daqueles que desaparecem na morte, a qual não conhecemos.**

Falando e agindo nos inserimos no mundo dos seres humanos que existia antes de nós nascermos nele, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos o fato nu de termos nascido, **e, por assim dizer, assumimos a responsabilidade por isso. Mas mesmo que ninguém possa se abster totalmente desse mínimo de iniciativa**, ela não é imposta por alguma necessidade como o trabalhar, e também não é, por assim dizer, suscitada em nós pelo impulso do desempenho e pela perspectiva de utilidade. A presença de outros, a quem queremos nos juntar, pode, em cada caso específico, atuar como um estímulo, mas a iniciativa em si não é condicionada por isso; o impulso parece estar muito mais no próprio início que veio ao mundo com o nosso nascimento e ao qual correspondemos iniciando nós mesmos algo novo por iniciativa própria¹⁰. Nesse sentido mais original e mais geral,

⁹ N. T.: *Herstellen* (fabricar) é uma das três atividades básicas da *vita activa* para Arendt. Essas três atividades em alemão são (*das*) *Arbeiten* (o trabalhar), (*das*) *Herstellen* (o fabricar) e (*das*) *Handeln* (o agir).

¹⁰ [Nota da autora]: Que isso seja assim parece agora ser confirmado também por resultados de pesquisas na Biologia e na Psicologia, que acentuam o parentesco interno do agir e do falar bem como uma espontaneidade que independe totalmente de motivos e fins práticos. Muito interessante nesse sentido é Arnold Gehlen, *Der Mensch: Seine Natur und seine Stellung in der Welt* (1955) [O ser humano: sua natureza e sua posição no mundo], em que se encontra um bom resumo das pesquisas mais recentes. O fato de a interpretação de Gehlen pressupor, junto com os biólogos, que essas capacidades especificamente humanas corresponderiam a “necessidades biológicas”, isto é, ao fato de que o corpo humano é menos bem equipado biologicamente do que o corpo das outras espécies animais, é

agir e iniciar algo novo é a mesma coisa; cada ação, em primeiro lugar, coloca algo em movimento, ela age (*agiert*¹¹) no sentido do *agere* latino, e ela inicia e lidera algo no sentido do grego *ἀρχαίω*. Por cada ser humano ser um *initium*, um início e um recém-chegado no mundo, em virtude do fato de ter nascido, os seres humanos podem tomar iniciativa, **tornar-se iniciadores e colocar algo novo em movimento**. [Initium] ergo ut esset, creatus est homo, ante quem nullus fuit – “para que houvesse um início, o homem foi criado, antes do qual não havia ninguém”¹², nas palavras de Agostinho, **que, com essa única frase de sua filosofia política, conecta subitamente o fundamento do ensino de Jesus de Nazaré com o pano de fundo da experiência da história e da política romanas, de um modo profundamente apodíctico que às vezes lhe é próprio. Esse início que o ser humano é, na medida em que é um *alguém*, não coincide de maneira alguma com a criação do mundo**¹³; **aquilo que existia antes do ser humano não é *nada*, e sim *ninguém*; sua criação não é o início de algo que, uma vez criado, existe em sua essência (Wesen), se desenvolve, perdura ou também perece, mas é o iniciar de um ser que possui ele próprio a capacidade de iniciar: é o início do início ou do próprio iniciar**. Com a criação do ser humano apareceu o princípio do início – **que na criação do mundo permaneceu, por assim dizer, na mão de Deus e, desse modo, fora do mundo – no próprio mundo e permanecerá imanente a ele enquanto houver seres humanos**; o que, no final das contas, naturalmente não quer dizer outra coisa a não ser que a criação do ser humano **como um *alguém*** coincide com a criação da liberdade.

naturalmente uma “teoria” com a qual não precisamos nos preocupar aqui e que também não prejudica o valor de uma abundância de percepções valiosas em Gehlen.

¹¹ N. T.: Aqui Arendt usa o verbo “*agieren*” em lugar do verbo “*handeln*”.

¹² [Nota da autora]: De Civitate Dei XII, 20. [N. T.: A indicação parece estar errada. A frase se encontra em De Civitate Dei, Livro XII, Capítulo XXI].

¹³ [Nota da autora]: Esses dois “inícios”, o início do mundo e o início do ser humano, eram, para Agostinho, tão pouco idênticos que ele usou duas palavras totalmente distintas para nomeá-los e distingui-los. O início, que é o ser humano, se chama, em sua obra, *initium*, enquanto para o início do mundo ele assume a tradução latina da Bíblia, que traduz a primeira palavra da Bíblia, “no princípio”, com *principium*. Como podemos depreender de De Cic. [sic] Dei XI, 32, a palavra *principium* tinha um significado muito menos radical para Agostinho: ele explica o “*In principio fecit Deus coelum et terram*” da seguinte forma: *illud quod dictum est In principio, not ita dictum tamquam primum hoc factum sit, cum ante fecerit Angelos*. Assim, enquanto antes da criação do mundo havia não *nada* (*nicht etwa Nichts*), antes da criação de *alguém* havia literalmente *ninguém*. [Este trecho é mais claro em *The human condition*, onde se lê: “o início do mundo ‘não significa que nada houvesse sido feito antes (uma vez que os anjos o foram)’”, enquanto, na frase acima citada, referente ao homem, ele acrescenta explicitamente que ninguém existia antes dele” (Arendt, 1998, p. 177; 2020, p. 222); N. T.].

É da natureza de todo início que, visto a partir do que já foi e do que já aconteceu, **ele irrompa no mundo de forma totalmente inesperada e incalculável**. A imprevisibilidade do acontecimento é inerente a todos os inícios e a todas as origens. O surgimento da Terra, da vida orgânica nela, o desenvolvimento da espécie humana a partir das evoluções das espécies animais, ou seja, todo o quadro da nossa existência real baseia-se em “improbabilidades infinitas”, se considerarmos os eventos primordiais, que outrora formaram esse quadro, do ponto de vista dos processos no universo ou dos processos do inorgânico ou dos processos de desenvolvimento da vida orgânica, que são interrompidos de forma decisiva por cada um desses eventos. O novo início está sempre em contradição com as probabilidades estatisticamente determináveis, **ele é sempre o infinitamente improvável; por isso, quando nos deparamos com ele em nossa experiência viva — isto é, na experiência da vida, que é marcada pelos processos que um novo início interrompe —**, ele nos parece sempre um milagre. Por isso, o fato de o ser humano ser capaz de agir no sentido de iniciar algo novo somente pode significar **que ele se subtrai a qualquer previsibilidade e calculabilidade**; que, nesse caso único, a própria improbabilidade tem uma certa probabilidade; e **que aquilo que “racionalmente”, isto é, no sentido da calculabilidade, simplesmente não pode ser expectado (erwartet), pode, porém, ser esperado (erhofft)**. E esse dom para o totalmente imprevisível, por sua vez, baseia-se exclusivamente na unicidade **que separa cada um de qualquer outro que foi, é ou será, sendo que essa unicidade não é tanto a existência de determinadas qualidades, nem corresponde tanto a uma composição única de qualidades já conhecidas em um “indivíduo”, mas se baseia muito mais no fato da natalidade (Natalität), que fundamenta todo ser-junto (Zusammensein) humano, a natalidade (Gebürtlichkeit¹⁴), pela qual cada pessoa apareceu uma vez no mundo como algo unicamente novo. Devido a essa unicidade, que é dada com o fato do nascimento, é como se, em cada ser humano, o ato divino da criação se repetisse e se confirmasse; se se quer definir o *alguém* que vem ao mundo de modo único em cada novo ser humano, só se pode dizer que, em relação a ele, antes do seu nascimento “ninguém” existia. Agir iniciando algo novo corresponde ao nascimento **do alguém**, realiza em cada um o fato do ter nascido;**

¹⁴ N. T.: Traduzimos ambas as palavras – “Natalität” e “Gebürtlichkeit” – para “natalidade”. Arendt as usa como sinônimos.

falar, por sua vez, corresponde à distinção absoluta dada nesse nascimento, realiza a pluralidade especificamente humana, que consiste no fato de que seres distintos e únicos se encontram **do início até o fim** sempre num ambiente de seus iguais.

Agir e falar estão tão intimamente relacionados **porque o agir só pode corresponder à situação especificamente humana de mover-se numa pluralidade (Vielheit) de seres únicos como entre seus iguais**, se ele dispuser de uma resposta à pergunta que se faz **espontaneamente** a todo recém-chegado: quem és? Quem alguém é revelam (Aufschluss geben¹⁵), de modo implícito, tanto palavras como atos; mas, assim como a relação entre agir e começar é mais estreita do que a entre falar e começar, assim as palavras evidentemente são mais apropriadas para revelar (Aufschluss verschaffen) **o quem-alguém-é** do que atos¹⁶. Atos que não são acompanhados por discursos perdem uma grande parte de seu caráter de revelação (Offenbarungscharakter¹⁷); tornam-se “incompreensíveis” e **sua finalidade é geralmente a de chocar por meio da incompreensibilidade ou, como podemos dizer, a de sabotar todas as possibilidades de comunicação através da criação de fatos consumados. Enquanto tais, são naturalmente compreensíveis, recusam o discursar (Reden) e o falar, e sua compreensibilidade se deve à recusa; o que compreendemos é justamente a nudez exibida.** Se realmente existisse, além disso, um agir sem palavras por princípio, seria como se os atos que dele resultam tivessem perdido também o sujeito do agir, o próprio agente; não seres humanos agentes, mas robôs executariam aquilo que, para os seres humanos, teria que permanecer incompreensível em princípio. Agir sem palavras sequer existe estritamente falando, porque seria um agir sem agente; **“ambos, ser eloquente em palavras e vigoroso em atos”, andam juntos porque não haveria realmente um realizador de atos — πρηκτῆρά τε ἔργων — se o pronunciador de palavras — μύθων τε ῥητῆρ [sic] — não o revelasse ao mesmo tempo (Ilíada, IX, 445)¹⁸.**

¹⁵ N. T.: Traduzimos “Aufschluss geben” como revelar. Literalmente também poderia ser traduzido como “dar abertura” ou “abrir”.

¹⁶ [Nota da autora:] Sendo que o falar e o desvelar ou, como Heidegger diz, o “Entbergen” [desocultar, desvelar], são mais próximos do que o agir e o desvelar, Platão diz que o discurso - λέξις - está mais relacionado à verdade (no sentido de Heidegger da “Unverborgenheit” [não-ocultação; desvelamento; desocultamento]) do que o agir - πράξις.

¹⁷ N. T.: Traduzimos “Offenbarung” como revelação. Arendt também usa a palavra “Enthüllung”, que traduzimos como desvelamento. A nosso ver, trata-se de sinônimos neste texto.

¹⁸ N. T.: Com os trechos: “ambos, ser eloquente em palavras e vigoroso em atos”; “realizador de atos - πρηκτῆρά τε ἔργων”, e “pronunciador de palavras - μύθων τε ῥητῆρ”, Arendt refere-se a um verso da

Somente por meio da palavra falada o ato se insere num contexto significativo, **sendo porém a função do falar não a de explicar o que foi feito**, e sim que a palavra identifique o realizador do ato e **anuncie que é ele que age, isto é, alguém que pode invocar (sich berufen) outros atos e resoluções** e dizer o que pretende fazer em seguida.

Não há nenhuma atividade (Verrichtung¹⁹) humana que necessite da palavra na mesma medida que o agir. Para todas as outras atividades (Tätigkeiten), as palavras desempenham um papel secundário; elas servem apenas para informar ou acompanham um processo de desempenho que também poderia ocorrer em silêncio. Embora a língua seja, em média, um meio bastante adequado para fins informativos, ela enquanto tal poderia ser substituída também por uma linguagem de sinais, que seria mais adequada para esses fins; na matemática e em outras ciências, mas também em determinados trabalhos coletivos, tais linguagens de sinais são constantemente utilizadas, **simplesmente porque a língua natural se revela demasiado morosa (umständlich) para os seus fins. A circunstância que a torna tão morosa (der Umstand, der sie so umständlich macht) é a pessoa que nela fala (die in ihr mitspricht)**. No mesmo sentido se poderia dizer que a capacidade de agir é adequada, sim, para fins da autodefesa ou para alcançar determinados interesses; mas, se não houvesse mais em jogo do que alcançar determinados fins por meio do agir, então tais fins evidentemente poderiam ser alcançados de modo melhor e mais rápido por meio da violência muda. Do ponto de vista da mera utilidade, agir é somente um substituto para a aplicação de violência, que se mostra sempre mais eficiente, assim como o falar, do ponto de vista da mera informação, é um tipo de recurso emergencial com o qual nos damos por satisfeitos somente até a invenção de uma linguagem de sinais.

Agindo e falando as pessoas revelam quem são em cada caso, mostram ativamente a unicidade pessoal de seu ser, **entram, por assim dizer, no palco do**

Ilíada de Homero do canto IX. No entanto, não é o verso 445, como ela indica, mas o verso 443. Ela cita o mesmo verso na nota de rodapé n. 7 do capítulo II de “Vita activa” (nota 7 do capítulo II de “A condição humana”). Lá, ela cita o verso completo em grego (μύθων τε ῥητῆρ’ ἔμμεναι [sic] πρηκτῆρά τε ἔργων), indicando o verso correto, e explica que se trata da fala de Fênix, que diz que Peleu o incumbiu de ensinar a seu filho a “ser ambos, um pronunciador de palavras e um realizador de feitos”. Arendt não informa se ela mesma traduziu do grego ou se usou alguma tradução.

¹⁹ N. T.: Traduzimos “Verrichtung” por “atividade”. Geralmente Arendt usa a palavra “Tätigkeit” (atividade), como o faz logo em seguida. Neste caso, as palavras são usadas como sinônimos.

mundo, no qual antes não eram visíveis dessa forma, isto é, enquanto apenas a forma única de seu corpo e o som não menos único de sua voz apareciam, sem sua própria participação (Zutun). Em diferença a *o-que* alguém é, em diferença às propriedades, dons, talentos e defeitos **que possuímos e que, por isso, em certa medida estão ao menos na nossa mão e sob nosso controle, de modo que temos a opção de mostrá-los ou ocultá-los**, *o quem-alguém-é-em-cada-caso* propriamente pessoal **escapa ao nosso controle porque se revela (mitoffenbart) involuntariamente** em tudo que dizemos ou fazemos. Somente o silêncio completo e total passividade podem talvez encobrir esse *quem*, **subtraí-lo dos ouvidos e dos olhos dos outros (Mitwelt²⁰)**, mas nenhuma intenção do mundo pode dispor dele livremente uma vez que tenha aparecido. Pelo contrário, é muito mais provável que esse *quem*, que se mostra para os outros (Mitwelt) de modo tão inequívoco e claro, fique oculto, justamente e sempre, para a própria pessoa que o mostra, como se fosse aquele δαίμων dos gregos, que acompanha o ser humano durante toda a sua vida, mas olha sempre por detrás, por cima de seu ombro, e portanto somente se torna visível para aqueles que ele encontra, **nunca para ele mesmo**.

Essa qualidade reveladora (Aufschluss-gebende Qualität²¹) do falar e do agir, **por meio da qual aparecem (mit in Erscheinung treten), além daquilo que é discutido e feito, um falante e um agente**, na verdade só entra em jogo **onde as pessoas falam e agem umas com as outras, e não umas pelas outras ou umas contra as outras**. Nem a bondade ativa e, às vezes, muito enérgica (tatkräftig), diante de cuja abnegação (Selbstlosigkeit²²) os outros (Mitwelt) aparecem somente no modo do um-pelo-outro, no qual, **por assim dizer, todos se escondem de todos**, nem o crime, que se coloca contra os outros e precisa se esconder deles, podem arriscar-se a desvelar **o respectivo alguém**, o sujeito do agir e do falar, e isso porque, entre outros fatores, ninguém sabe a quem revela (offenbart) quando, ao falar e ao agir, **involuntariamente** revela também (mitoffenbart) a si mesmo. Esse risco de aparecer **como alguém no uns-com-os-outros (Miteinander) só pode ser assumido por**

²⁰ N. T.: Traduzimos “Mitwelt” por “os outros” porque se refere àqueles que convivem conosco. Porém, nos parece relevante destacar que a tradução literal seria algo como “mundo-com(igo)”. Trata-se, portanto, de uma palavra composta que contém o substantivo “Welt” (mundo).

²¹ N. T.: Arendt escreve aqui “Aufschluss-gebende Qualität”, destacando assim a palavra “Aufschluss” (abertura), derivada do verbo “aufschließen” (abrir ou destravar). Dessa forma, seria “a qualidade que dá abertura” ou “a qualidade que abre”.

²² N. T.: “Selbstlosigkeit” literalmente é a ausência de si, como no inglês “selflessness”.

quem está disposto a existir nesse uns-com-os-outros também no futuro, e isso significa estar disposto a mover-se no uns-com-os-outros entre os seus iguais, a revelar (Aufschluss geben) quem ele é e a renunciar à estranheza²³ original daquele que por meio do nascimento veio ao mundo como recém-chegado. Nem o uns-pelos-outros (Füreinander) nem o uns-contra-os-outros (Gegeneinander) permitem essa renúncia; a energia da bondade bem como a do crime surgem de uma distância na qual se mantém a estranheza original do ter vindo ao mundo por meio do nascimento, sendo que em nosso contexto é indiferente que essa estranheza em um caso se realize no sacrifício de si (Selbstopfer) e no outro em um egoísmo (Selbstsucht²⁴) absoluto. Do ponto de vista do uns-com-os-outros trata-se em ambos os casos de fenômenos do abandono (Verlassenheit²⁵), que de certo modo só podem aparecer marginalmente no âmbito dos assuntos humanos, se não queremos que se destrua esse âmbito, ou seja, trata-se de figuras à margem do âmbito político, as quais têm um efeito histórico somente em tempos de declínio, de desintegração e de corrupção política. Em tais tempos, o âmbito dos assuntos humanos escurece; ele perde a claridade radiante que provoca a glória, a claridade que é própria somente ao espaço público, que se constitui no uns-com-os-outros dos seres humanos, e a qual é imprescindível para o desdobramento pleno do agir e do falar, isto é, para que, além do que foi feito e falado, apareçam os agentes e falantes. Nesse crepúsculo, em que ninguém mais sabe quem alguém é, os seres humanos se sentem como estranhos não somente no mundo, mas também entre si; e na atmosfera da estranheza e do abandono (Verlassenheit), as figuras dos estranhos entre os seres humanos, os santos e os criminosos, encontram sua oportunidade.

²³ N. T.: Optamos por traduzir "Fremdheit" por "estranheza" para distingui-lo de "Entfremdung" (estranhamento ou alienação). Assim, mantemos, no português, a substantivação (estranheza) do adjetivo "estranho", que corresponde à substantivação (Fremdheit) do adjetivo "fremd". Em outros pontos, Arendt usa a palavra "Entfremdung" (alienação ou estranhamento), que é a substantivação do verbo "enfremden" (alienar ou estranhar).

²⁴ N. T.: Literalmente "vício de si".

²⁵ N. T.: "Verlassenheit" pode ser traduzido como abandono, desamparo ou solidão. Arendt aborda esse fenômeno no capítulo "Ideologia e terror" em "Origens do totalitarismo". A experiência do abandono corresponde à perda do eu e do mundo. "Nessa situação, o homem perde a confiança em si mesmo como parceiro dos próprios pensamentos, e perde aquela confiança elementar no mundo que é necessária para que se possam ter quaisquer experiências." (Arendt, 2012, p. 407). Nesse texto, Arendt distingue o abandono (desamparo, solidão) do estar só, que é a condição para o pensamento e do isolamento do homem enquanto fabricante ou *homo faber*.

Sem essa propriedade de revelar o *quem* da pessoa, o agir torna-se uma espécie de desempenho assim como outros desempenhos ligados a objetos. Pode-se de fato tornar simplesmente um meio para um fim, assim como o fabricar é um meio para produzir um objeto. Isso acontece sempre quando o uns-com-os-outros propriamente está destruído ou é suprimido temporariamente, e quando os seres humanos apenas estão lá uns pelos outros ou contra os outros, **ou agem uns pelos outros ou contra os outros**, como, por exemplo, no caso da guerra, quando agir apenas significa dispor e empregar determinados meios violentos para alcançar certos fins predeterminados para si próprio e contra o inimigo. Em tais casos – **sobre os quais a história da humanidade sabe narrar tanto que, por muito tempo, se pensava tratar-se da própria substância histórica** –, o falar de fato é “mero falatório” (bloßes Gerede), isto é, um meio entre outros para alcançar o fim²⁶, **seja para jogar areia nos olhos do inimigo, seja para inebriar-se a si mesmo com a própria propaganda**²⁷. O discursar (Reden) aqui é mero falatório porque não revela (Aufschluss geben) mais nada, **e, portanto, vai contra o sentido próprio do falar**; mas também o próprio agir **com violência de armas, a qual então é decisiva**, se realiza de modo que a identidade única dos próprios agentes **não desempenha mais papel nenhum; a vitória ou a derrota são, ao menos na guerra moderna, desempenhos de natureza positiva ou negativa e não dizem mais sobre o vencedor ou sobre o derrotado do que qualquer outro desempenho**.

Nesses casos, o que a ação perdeu é justamente a propriedade pela qual ela transcende todas as atividades produtivas e fabricantes no sentido estrito, que, desde a mais simples confecção de objetos de uso até a **criação transfiguradora** de obras de arte, revelam apenas o que se mostra no objeto acabado, ou seja, não têm, por sua natureza, nenhuma intenção de mostrar mais do que está visível para todos ao fim do processo de fabricação. **O agir que permanece na anonimidade, um ato**

²⁶ N. T.: A palavra “fim” (Zweck) tem aqui sentido de propósito. Arendt distingue entre as atividades que são instrumentais, isto é, meios para alcançar um fim, e as atividades que são significativas em si mesmas. O falar ou o discurso, enquanto parte do agir ou da ação, tem um sentido em si mesmo, mas pode se transformar em “mero falatório” quando é usado apenas para obter determinado objetivo.

²⁷ N. T.: Não se trata aqui de publicidade comercial, mas daquilo que Arendt, em outro momento, denomina “propaganda nacional ao nível governamental”, muito embora esta última se inspire na primeira. No ensaio “Verdade e política”, Arendt (2016, p. 210) explica que “As imagens criadas para consumo doméstico, ao contrário das mentiras dirigidas a adversários estrangeiros, podem tornar-se uma realidade para todos e sobretudo para os seus próprios criadores” e acrescenta que “o resultado é que todo um grupo de pessoas e mesmo nações inteiras podem orientar-se por uma teia de ilusões à qual seus líderes desejaram sujeitar seus oponentes.”

para o qual não podemos nomear um realizador²⁸ é sem sentido e cai no esquecimento; não há ninguém de quem se poderia contar uma estória (Geschichte)²⁹. Em oposição a isso, uma obra de arte conserva sua plena significância, saibamos o nome do mestre ou não. Após a Primeira Guerra Mundial, os monumentos ao “Soldado Desconhecido” erigidos em todos os países testemunharam de modo eloquente a necessidade geral de encontrar um *quem*, um *alguém*, a quem quatro anos de assassinato em massa deveriam ter revelado. O monumento ao “desconhecido” surgiu de uma relutância bem justificada em resignar-se ao fato de que **um acontecimento tão monstruoso não foi, no sentido verdadeiro da palavra, desejado nem encenado por ninguém**; os monumentos eram para todos aqueles que a guerra, **apesar do máximo engajamento humano**, havia deixado desconhecidos, o que não diminuiu seu desempenho, mas lhes roubou sua dignidade humana **enquanto agentes**³⁰.

Referências

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação de Adriano Correia. 13. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 8. ed. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARENDT, Hannah. “O que resta? Resta a língua”: uma conversa com Günter Gaus. In: ARENDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. Tradução de

²⁸ N. T.: O uso das palavras “realizador” (Täter) e “atos” (Taten) parece referir-se ao trecho da *Ilíada*, citado por Arendt acima (ver nota de rodapé 18).

²⁹ N. T.: O termo “Geschichte” pode significar *story* ou *history*. A língua alemã não distingue entre as duas acepções. Na versão inglesa (*The human condition*), porém, Arendt distingue entre *history* e *story*. Na revisão da tradução de “The human condition” para “A condição humana”, Correia (2020) optou por restaurar a distinção entre *story* (estória) e *history* (história) para manter essa distinção. Concordamos com a distinção em português, considerando que Arendt distingue entre as *estórias* de vida ou as *estórias* que resultam da ação e a *história* num sentido mais abrangente. Assim, ela escreve, por exemplo, que “cada vida humana conta sua *estória* e pela qual a *história* se torna finalmente o livro de *estórias* [storybook] da humanidade” (Arendt, 2020, p. 234, grifo nosso). Por isso, optamos por traduzir “Geschichte” neste caso por “estória”, enquanto antes traduzimos por “história” (no sentido de *history*).

³⁰ [Nota da autora]: Uma fábula [A fable] de William Faulkner não se destaca somente pela qualidade perante a literatura pós-guerra depois da Primeira Guerra Mundial, mas também pelo fato de ser o primeiro romance cujo autor evidentemente compreendeu por que essa guerra foi tão terrível e, por isso, fez do Soldado Desconhecido o herói dos acontecimentos.

Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 31-53.

ARENDT, Hannah. **The human condition**. Introduction by Margaret Canovan. 2nd edition. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

ARENDT, Hannah. **Vita activa oder Vom tätigen Leben**. Stuttgart: Piper/Kohlhammer Verlag, 1960.

CHACÓN, Rodrigo. Vita activa de Hannah Arendt como reescritura fenomenológica de La Condición humana. **Caderno CRH**, Salvador, v. 33, p. 1-14.

AUGUSTINE. **De Civitate Dei**. Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/augustine/civ12.shtml>. Acesso em: 09 jan. 2026.

HAHN, Barbara. Wie aber schreibt Hannah Arendt? **Text und Kritik**, 166/167, S. 102-113, 2005.

HOMER. **Ἰλιάς (Ilíada)**. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0133>. Acesso em: 09 jan. 2026.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013.

LUDZ, Ursula. Bibliographie: Zusammenstellung aller Deutsch - und englischsprachigen Veröffentlichungen. In: ARENDT, Hannah. **Ich will verstehen**. Selbstauskünfte zu Leben und Werk. München: Piper, 2013. S. 257-341.

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus**. Vol. II, 2a. ed. Tradução J. Dias Pereira. Fundação Calouste Gulbikian, Lisboa, 2000.

Recebido em: 25/06/2026.
Aprovado em: 08/07/2026.